

MÃE PRETA: ANÁLISE DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS E A LÓGICA COLONIAL

Fabricio Gonçalves Pacheco¹
Arthur Lemos de Oliveira²
Anderson de Jesus Seixas³
Aline Massacesi Moreira⁴
Emily Medeiros Barbosa⁵
Octávia Cristina Barros⁶

octaviacristinabarrosgmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

A partir de revisão bibliográfica narrativa, o presente trabalho investigou o material histórico produzido sobre o monumento em homenagem à Mãe Preta, instalado no bairro Vila Isabel, em Três Rios, em 1962. Investigou-se então, os relatos dos historiadores locais, assim como registros atuais - nas redes sociais e no enredo de escola de samba. Comparou-se também ao monumento da Mãe Preta instalado em São Paulo, anos antes. Para assim, a partir de uma revisão de teoria decolonial, como a do filósofo Franz Fanon, analisou-se a narrativa que corrobora a lógica colonial, para enfim sugerir releituras históricas que oferecesse outras interpretações para os eventos que constroem a nossa história.

PALAVRAS-CHAVE: decolonial; Mãe Preta; narrativa; racismo; poder.

INTRODUÇÃO

Foi erguido em São Paulo, anos antes da nossa Mãe Preta trirriense, uma outra Mãe Preta. Com propósito muito semelhante, mas em ocasião de um aniversário da cidade.

Em 1954, São Paulo comemorava seu IV aniversário. Esse evento foi muito importante na história da cidade que tinha em torno de três milhões de habitantes. [...] As celebrações duraram um ano e com ela não só o monumento à Mãe Preta foi inaugurado, mas também o Monumento às

¹ Licenciado em Letras pela Universidade Luterana do Brasil e acadêmico do curso de Psicologia da faculdade Vértix Trirriense - Univértix.

² Acadêmico do curso de Psicologia da faculdade Vértix Trirriense - Univértix.

³ Bacharel em Administração pela Universidade Severino Sombra e acadêmico do curso de Psicologia da faculdade Vértix Trirriense - Univértix.

⁴ Bacharel em Fisioterapia pela Universidade Católica de Petrópolis e acadêmica do curso de Psicologia da faculdade Vértix Trirriense - Univértix.

⁵ Acadêmica do curso de Psicologia na faculdade Vértix Trirriense - Univértix.

⁶ Graduada em Psicologia. Doutora em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria (IPUB/UFRJ). Docente do curso de Psicologia na Faculdade Vértix Trirriense – Univértix.

Bandeiras de Victor Brecheret, que estava na fila de espera desde os anos 20. (Bispo. 2011)

O artigo de Bispo comenta a instalação de monumentos em homenagem às pessoas pretas, como um sinal, ao menos na narrativa da arquitetura das cidades, da história que queria ser contada.

Figura 1. Monumento à Mãe Preta em São Paulo, inaugurado em 1954.



Mesmo assim, era possível notar na própria avaliação crítica dos “militantes” paulistanos alguns sinais de rejeição ao monumento:

A aparência de estilo moderno da escultura desagradou militantes, como o jornalista e escritor negro José Benedito Correia Leite. Em sua opinião, a escultura não representava a mulher negra bonita, educada e arrumada que foram as amas de leite. O que desagradou a Correia Leite foram os exageros comuns ao traço modernista: os pés e as mãos enormes como símbolos da atividade produtiva da Mãe (Bispo. 2011).

Pouco tempo depois, em Três Rios, um movimento popular pedia a instalação de um monumento à Mãe Preta.

De acordo com um estudo da trirriense Ezilma Teixeira, a ideia para a criação da obra surgiu do historiador Hugo José Kling, em 1960. Em um artigo publicado no Entre-Rios Jornal, ele lançou uma campanha para se construir um monumento em homenagem à “Mãe Preta”, que declarava mãe duas vezes, ‘Mãe do filho de suas entranhas e mãe do filho branco do sinhô e sinhá’ - tal como deixou escrito. (ENTRE RIOS JORNAL. 2023)

O movimento surtiu efeito e nove anos após a Mãe Preta paulista, a Mãe Preta trirriense foi erguida. Reforçando a narrativa comum de seu tempo.

Erguida em 1963, a estátua é um importante registro histórico e serve como lição para que as futuras gerações jamais esqueçam dessa parte terrível da história do país e consequentemente da região. (ENTRE RIOS JORNAL. 2023).

Figura 2. Monumento à Mãe Preta, em Três Rios, inaugurado em 1963.



Por aqui, mesmo durante a decisão de instalação do monumento até a escolha do local a ser escolhido, surgiram alguns entraves. A moradora Ana, em depoimento à historiadora Isabela Innocêncio, conta parte do processo de inauguração do monumento.

Um vereador de Três Rios, chamado Armando de Almeida, há muitos anos, viajou para São Paulo e lá viu que, em alguns lugares, estavam sendo colocadas estátuas de mães pretas, em homenagem às amas de leite, escravas que amamentaram os sinhozinhos. Achou interessante a ideia e comprou uma estátua para ser colocada em Três Rios, pois sabia do passado escravista da cidade. Quando chegou em Três Rios, teve muita dificuldade para colocar a “Mãe Preta”. Tentou colocá-la no bairro da Caixa d’água, mas os moradores de lá não queriam. Pensou em colocar na frente da Igreja de Stª Luzia, na Vila Isabel, mas a ideia não agradou às pessoas com quem ele conversou. Chateado, desabafou comigo, e dei a ideia de colocar na Pça Ambrosina Bastos, pois é em frente à minha casa e prometi que dali ninguém tiraria. E foi assim que a “Mãe Preta” se instalou na Vila Isabel. Depois de muita rejeição (INNOCÊNCIO. 2015. p 231).

Nos dois monumentos, mulheres negras seguram um bebê no colo. Referência às amas de leite, função exercida pelas mulheres escravizadas. Embora essa tarefa seja representada de modo romântico nas esculturas, este trabalho forçado era cobrado como parte da função daquela mulher em condição de escravizada. É importante pontuar a obrigação, a humilhação e o ultraje na própria condição de escravizada, para que possamos entender esta narrativa de outro lugar.

O monumento em homenagem à Mãe Preta, situado na praça Ambrosina Bastos, na Vila Isabel, pontua uma parte importante da história do bairro, que já se chamou Colônia. O tributo nos tempos atuais, contém uma representatividade para os

locais. A figura é usada frequentemente por seus moradores como referência de localidade.

Além disso, o monumento também já foi enredo de carnaval, o que, em vista, demarca a sua presença na história do antigo bairro colônia, que hoje se chama Vila Isabel. O enredo da escola de samba da Mocidade Independente da Vila Isabel traz a história das amas de leite, que representam as mães negras escravizadas na antiga colônia. Na música, os autores descreveram a história de uma mãe negra, escravizada, cuja função era a de amamentar os filhos de seus senhores. É possível observar a função no trecho: “Negras de beleza rara, que vem da senzala, para cumprirem a missão do ventre à vida, entregue a sorte do seio à amamentação” (Menezes, 2019).

Assim como muitas cidades do Brasil, Três Rios foi uma cidade administrada por pessoas ricas com honrarias. A Condessa, como ficou conhecida a senhora Mariana Claudina Pereira Carvalho, deixou em testamento sua vontade expressa:

Deixo livre todos os escravos que eu possuir ao tempo de minha morte (...) esses libertos e ingênuos e seus descendentes formarão em minha fazenda denominada Cantagalo uma colônia agrícola com a denominação de Nossa Senhora de Piedade (Jorge, 2012. p. 80).

Tempos depois este bairro teve seu nome mudado para Vila Isabel. Em homenagem à importante figura histórica da Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea, que libertou as pessoas escravizadas. No entanto, precisamos aferir as narrativas e acrescentar a estes discursos outras marcas que transformam esta história em uma versão dela, uma vez que o próprio ato de trocar o nome do bairro, pode ser observado com um importante apagamento da história deste território.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando uma história é contada, palavras e significados são construídos para que se estabeleça uma narrativa coerente com interesses de um certo grupo. Por exemplo, um senhor do engenho pode considerar uma mulher escravizada que escapa da fazenda como uma fugitiva, enquanto, para o grupo de pessoas violentadas pelo regime escravocrata, esta mesma mulher pode ser considerada corajosa.

Por isso, ao adotarmos a lógica colonizadora para contar a história oficial de um país, temos como consequência a repetição de avaliações estereotipadas de nosso povo. Sobre isso, Fanon avalia a história de países colonizados.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana (Fanon, 2008. p. 34).

Quando repetimos as palavras do colonizador, apagamos nossas peculiaridades e repetimos a história que subjuga para manter o jogo de poder estabelecido.

Além disso, vale lembrar que a construção da lógica escravocrata e racista que permitiu três séculos de escravidão no Brasil, foi composta com o aval da ciência, da religião e mesmo dos intelectuais. Havia quem fosse abolicionista, mas também havia os escravistas e os que desejavam tirar mais proveito da exploração daquela mão de obra.

Sobre essa construção social, Fanon avalia:

No início da história que os outros fizeram para mim, colocaram em evidência o pedestal da antropofagia, para que eu me lembre bem. Descreviam meus cromossomos como tendo genes mais ou menos espessos, representando o canibalismo. [...] Uma vergonha, esse tipo de ciência! Mas eu compreendo este “mecanismo psicológico”. Pois, como todo o mundo sabe, ele é apenas psicológico, este mecanismo. Há dois séculos eu estava perdido para a humanidade, eternamente escravo. Depois alguns homens vieram a declarar que tudo aquilo já tinha durado demais. Minha tenacidade fez o resto; fui salvo do dilúvio civilizador. Avancei... (Fanon, 2008. p. 111)

Assim como aponta o filósofo, a história negra contada pela lógica do colonizador foi apoiada pela ciência e até pela religião. A lógica construída sustenta ainda resistência aos discursos decoloniais que reivindicam o direito de contar a própria história.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta revisão bibliográfica narrativa dos eventos relacionados à instalação do monumento em homenagem à Mãe Preta em Três Rios.

Para esta investigação, usou-se os livros impressos produzidos por historiadores locais, assim como matérias publicadas na internet também produzidas por historiadores.

Além disso, decidiu-se limitar o material teórico escolhido a dois livros publicados pelo filósofo Franz Fanon, por se tratar de obras academicamente relevantes e por apresentar o recorte interseccional fundamental na proposta: Fanon

foi um intelectual negro, que além da inegável capacidade teórica, inaugura concepções fundamentais para o que se pretende neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história da homenagem à Mãe Preta carrega um discurso marcado pela lógica colonial, despersonalizando a mulher negra que executava aquela função para se manter viva, e a colocando associada à maternidade, em lugar terno que na narrativa cristã está associada ao feminino, ao sagrado.

Veja o trecho do livro da historiadora Maria Goreth Kling David:

Aquele monumento está situado no local onde, no período da escravidão, se localizava a senzala da fazenda Cantagalo. [...] A ideia de fazer uma justa homenagem à mulher negra que foi ama de leite e ajudou a cuidar dos filhos de outras mulheres (David, 2022. p. 64).

Corroborando-se assim a ideia de que a função, o trabalho de cuidar das crianças oferecendo-lhes alimento, fosse digno e humano. Enquanto, ao mesmo tempo, pontua-se a tarefa executada como um exercício voluntário, excluindo-se o contexto do trabalho forçado e dos sacrifícios que construíam a mulher negra naquele contexto.

O que se tenta fazer ao englobar todos os negros sob o termo 'povo negro' é arrancar deles qualquer possibilidade de expressão individual. O que se tenta, com isso, é lhes impor a obrigação de corresponder à ideia que se faz deles (Fanon, 2021. p. 55).

Logo, as idealizações construídas em palavras que contam a história, fazem com que sigamos recontando a narrativa produzida pela lógica da escravização.

Em relação ao monumento de São Paulo, também pode-se notar um reforço desta narrativa colonial que estamos enumerando.

O monumento à Mãe Preta que tanto simbolizou a Ama de Leite, quanto a Preta Velha, tanto a mãe de todos quanto a doadora de vida para as elites. (Bispo, 2011)

Então, para construir-se uma narrativa decolonial é preciso acordar as singularidades diante desse contexto que despersonaliza. É preciso se colocar neste discurso com um papel desbravador, assim como pontua Fanon:

Com ardor, pus-me a inventariar, a sondar as vizinhanças. Através dos tempos, vimos a religião católica justificar e depois condenar a escravidão e as discriminações. Mas, ao reduzir tudo à noção de dignidade humana, eliminava-se o problema do preconceito. Os cientistas, após muitas reticências, admitiram que o preto era um ser humano; in vivo e in vitro o preto tinha-se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia. A razão assegurava a vitória em todas as frentes. Eu era readmitido nas assembleias. Mas tive de perder as ilusões

(Fanon, 2008. p. 111).

Como observado pelo filósofo, entender a lógica dominante para então traçar um caminho para além dela, não é uma tarefa simples. Em muitos contextos, o discurso tipo como “real” ou “oficial” exige que as pessoas se mantenham subordinadas para que tudo funcione.

A fim de que uma mudança aconteça neste sistema de opressão, é preciso que todos eduquem o olhar. É preciso mobilizar atenção. Fanon sugere um caminho de aprendizagem que pode levar à uma compreensão subjetiva.

O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irreabilidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas. Ele começa então a verdadeira aprendizagem. E a realidade se revela extremamente resistente... Mas alguém poderá pretender que descrevo um fenômeno universal, – o critério da virilidade sendo justamente a adaptação ao social. Responderemos então que esta crítica é inadequada, pois mostramos justamente que, para o preto, há um mito a ser enfrentado. Um mito solidamente enraizado. O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina (Fanon, 2008. p. 133).

E nesse caminho de desconstrução de mito, a tarefa sugerida exige de todos grandes esforços. A fim de que a história não continue sustentando privilégios e opressões.

O monumento à Mãe Preta é tratado hoje de diferentes formas. O de São Paulo reflete o descaso por parte das novas decisões organizacionais daquela cidade.

Nos dias atuais, a praça que abriga esses dois símbolos (Estátua e Igreja) da história dos negros em São Paulo está entregue pelo poder público à sujeira e, longe do perfume das flores que poderiam ser depositadas aos pés da estátua predomina o cheiro forte de urina e miséria que deteriora tanto as paredes da igreja quanto a base do monumento (Bispo, 2011).

Em Três Rios, o monumento acolhido pela comunidade local, expressa-se como parte daquele espaço. Moradores ornamentam a estátua com adereços sazonais de acordo com as festividades.

Figura 3: Monumento em homenagem à Mãe Preta, em Três Rios. Ornamentada pela comunidade. 2024.



De alguma maneira, podemos perceber nestes atos a resistência. Como se o território falasse além do que é posto. Nas palavras de Fanon, o povo colonizado não perde a identidade apesar da violência instaurada.

A implantação do regime colonial, contudo, não ocasiona a morte da cultura autóctone. Pelo contrário, a observação histórica ressalta que o fim desejado é mais a agonia constante do que o desaparecimento total da Cultura preexistente. Essa Cultura, outrora viva e aberta ao futuro, se fecha, paralisada pelo estatuto colonial esmagada pela carga da opressão. Ao mesmo tempo presente mumificada, ela depõe contra os seus membros. Na verdade, ela os define para sempre (Fanon, 2021. p. 72).

Mesmo que o poder vigente e a história oficial não queiram admitir a beleza estrutural da cultura pré-existente, há outras narrativas que compõem este painel de visões possíveis do mesmo quadro.

Reler a história e as entrelinhas

O princípio da filosofia é o questionamento. Talvez o caminho para a reconstrução de ideologias seja repensar a narrativa do jeito que ela se encontra. Se há uma lógica colonial, o que ela pretende com isso? Por que precisamos lembrar da

mulher escravizada naquele trabalho forçado de cuidar da criança que não é dela?
Ou, a quem interessa manter no imaginário popular este quadro assim desenhado?

Imaginar o fim da estrutura colonial no discurso é o que fez Fanon:

O fim do racismo começa com uma súbita incompreensão. Liberta, a cultura contraída, espasmódica, e rígida do invasor se abre enfim à cultura do povo que se tornou realmente irmão. As duas culturas podem confrontar-se, enriquecer-se.

Em conclusão, a universalidade reside nessa decisão de assumir o relativismo recíproco de culturas diferentes, uma vez excluído e reversivelmente o estatuto colonial (Fanon, 2021. p. 84).

A proposta feita pelo filósofo é o olhar que relativiza as hierarquias entre as culturas, desconstruindo a ideia de importância ou de soberania de uma cultura em relação à outra.

A construção de uma narrativa que considere as classes oprimidas pelo sistema colonial corresponde a um movimento de ampliação na consciência humana. Como se admitíssemos ganhar potências com a percepção de novas culturas dentro da nossa própria história. Por isso, é importante entender as semelhanças com outros países que foram também colônia, para assim entendermos as nossas singularidades.

Como analisa, Fanon:

Os povos colonizados em geral se reconheceram em cada movimento, em cada uma das revoluções desencadeadas e levadas a cabo pelos oprimidos. Além de necessária a solidariedade para com os homens que, por toda a superfície da Terra, se batem pela democracia e pelo respeito a seus direitos, impõe-se, com uma violência inusitada, a firme decisão dos povos colonizados de desejarem, para si mesmos e para seus irmãos, o reconhecimento de sua existência nacional, de sua existência enquanto membros de um estado independente, livre e soberano (Fanon, 2021. p. 177 - 178).

Logo, precisa-se compreender a semelhança entre os povos que passaram pelo processo violento da colonização. Além disso, precisa-se escolher para nós mesmos uma narrativa que não continue excluindo da participação social as pessoas que já foram subjugadas em outro momento neste mesmo território. Para que enfim tenhamos uma existência mais próxima à democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os registros históricos sobre a instalação do monumento em homenagem à Mãe Preta em Três Rios, podemos identificar uma tendência a repetir a narrativa que sustenta a lógica da colonização.

Apesar de o monumento reforçar a ideia de colonização, ele faz memória, recorda o que foi vivido por muitas mulheres pretas escravizadas, desta forma, a Mãe Preta trirriense se enquadra como uma obra antirracista. De acordo com Françoise Verges, visitar tais memórias não se trata de simplesmente olhar para o passado com melancolia, estas memórias homenageiam os desaparecidos e transmitem a força das vidas condenadas a não existir.

Mesmo que os desdobramentos psicológicos específicos desta repetição não sejam objetos de estudo deste trabalho, podemos afirmar que há, nos textos analisados, produzidos em épocas diferentes, uma narrativa que mantém a hierarquia de opressores e oprimidos.

O presente trabalho observou narrativas históricas em livros e publicações na internet sobre o monumento citado. Depois, usou a teoria do filósofo Franz Fanon para pontuar o que nomeamos “lógica colonial”. Chegando então à proposição de releitura individual, considerando aspectos ignorados pela narrativa colonial, a fim de compor uma via auxiliar de interpretação que enfim produzisse uma narrativa que considerasse mais autores nesta história.

REFERÊNCIAS

BISPO, Alexandre Araujo. **Mãe preta: memória e monumentos negros**. 2011. Disponível em <<http://www.omenelick2ato.com/historia-e-memoria/734>> Acesso em 15/07/24.

DANIEL, Camila. **Campus Três Rios – UFRRJ**. 2024. Fotografia. Instagram. Disponível em https://www.instagram.com/p/C9kJNcXJC8Z/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== Acesso em 21/07/24.

DAVID, Maria Goreth Kling. **Recontando a história: a Matriz de São Sebastião e outras anotações históricas**. Três Rios, RJ: Ed. do autor, 2022.

ENTRE RIOS JORNAL. 2023. **Três Rios, 85 anos: conheça 4 curiosidades sobre a cidade**. Disponível em <<https://www.entreriosjornal.com/2023/12/tres-rios-85-anos-conheca-4>> . Acesso em 3/07/24.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Por uma revolução africana: textos políticos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. - 1º ed. - Rio de Janeiro : Zahar, 2021.

INNOCÊNCIO, Isabela Torres de Castro. **Memórias de afrodescendentes no Vale do Paraíba: de colônia agrícola Nossa Senhora da Piedade a bairro de Vila Isabel**. Lugar de memória, história e esquecimento em Três Rios, 1882 - 1951. 1. ed - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

JORGE, Cinara. **Pioneiros dos Três Rios - A Condessa do Rio novo e sua gente**. Três Rios: C. Jorge, 2012.

TEIXEIRA, Ezilma. **A mãe preta**. TRRevista. Disponível em <<https://www.trrevista.com.br/artigo/ezilma-teixeira-relembra-mae-preta>> . Acesso em 3/07/24.

TEIXEIRA, Ezilma. **Monumentos de Três Rios – A Mãe Preta. Reclamações TR. Fotografia e texto**. Facebook. Disponível em https://www.facebook.com/photo.php?fbid=761505122660539&id=100064031735762&set=a.462472735897114&locale=af_ZA Acesso em 21/07/24.

VERGÈS, Françoise. **Descolonizar o museu: programa de desordem absoluta**. Tradução: Mariana Echalar. - 1ª ed. - São Paulo: UBU, 2023.

MENEZES, Pitty Di. **Amas de Leite - Mães, Escravas dos seus próprios destinos**. Composição de Selmarino, Gilmar Cobrinha, Selmarino Júnior, Kelmer Orelha e JP Bocão. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em https://youtu.be/Exa5xjKxVKI?si=Lw4MWAf_pxDIgbQ6 Acesso em 18/08/24.